

## **PROJETO SACOLAS CAMPONESAS: A BUSCA DE AUTONOMIA, TECNIFICAÇÃO E INCLUSÃO MERCANTIL DA MULHER CAMPONESA. UMA DISCUSSÃO GEOGRÁFICA**

Thiara Gonçalves Campanha<sup>1</sup>  
Alene Mariana Silva de Godoy<sup>2</sup>

### **Resumo**

Neste artigo será ressaltado a importância e a significância da mulher e especificadamente a mulher camponesa, na produção e reprodução deste espaço, neste caso o espaço rural, onde está se configurando um projeto de gênero o Projeto Sacolas Camponesas, desenvolvido no Assentamento Eli Vive situado no distrito de Lerrovile, município de Londrina – PR, no qual é financiado com recursos do Fundo Paraná, Programa de Extensão "Universidade Sem Fronteiras" Na busca por uma conscientização mais igualitária no campo e a valorização do papel da mulher neste processo, levantam-se novas técnicas e estratégias de produção e inserção mercantil, como a produção agroecológica desenvolvida 100% por um grupo de mulheres e desta produção a sua comercialização através das sacolas camponesas para canais solidários. A metodologia utilizada para elaboração deste artigo pautou-se em pesquisas bibliográficas que aprofundem a caracterização da agricultura camponesa e a questão de gênero e trabalhos de campo no assentamento em conjunto com as mulheres camponesas.

**Palavras-chave:** Sacolas Camponesas, Gênero, Inclusão Mercantil

### **Introdução:**

A discussão de gênero na ciências sociais é recente e conseqüentemente na geografia enquanto objeto de estudo científico, que ainda não é muito explorado. Sabendo que o objeto principal de estudo da ciências geográfica é o espaço e as relações sociais que nele são desenvolvidas, neste artigo será ressaltado a importância e a significância da mulher e especificadamente a mulher camponesa, na produção e reprodução deste espaço, neste caso o espaço rural, onde está se configurando um projeto de gênero o Projeto Sacolas Camponesas, desenvolvido no Assentamento Eli Vive situado no distrito de Lerrovile, município de Londrina – PR, no qual é financiado com recursos do Fundo Paraná, Programa de Extensão "Universidade Sem Fronteiras" coordenado pela professora Dr. Eliane Tomiasi Paulino.

O projeto tem como objetivo tecnificar as mulheres camponesas com práticas de produção agroecológicas e a inserção de sua produção no mercado de trabalho, buscando a autonomia e o empoderamento feminino da mulher camponesa e desconstruindo o patriarquismo tradicional que ainda assola nossa sociedade e principalmente as famílias no

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Londrina email: thiaracampanha@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Londrina email: alenegodoy@gmail.com

campo, no qual o homem é o que provem o sustento da casa, mesmo a mulher tento papel significativo na divisão de trabalhos na lavoura. Na busca por um conscientização mais igualitária no campo e a valorização do papal da mulher neste processo, levantam-se novas técnicas e estratégias de produção e inserção mercantil, como a produção agroecológica desenvolvida 100% por um grupo de mulheres e desta produção a sua comercialização através das sacolas camponesas para canais solidários. Através desta temática será exposto no trabalho o modo de vida camponês e a questão de gênero no campo e explicitar o que é o Projeto Sacolas Camponesas.

A metodologia utilizada para elaboração deste artigo pautou-se em pesquisas bibliográficas que aprofundem a caracterização da agricultura camponesa e a questão de gênero no campo, levantamentos junto ao Sistema IBGE de Recuperação Automática de dados além de trabalhos de campo nas unidades produtivas envolvidas no Projeto Sacolas Camponesas, entrevistas e elaboração de mapas e tabelas utilizando o software QGIS, versão 2.16.3.

### **Modo de Vida Camponês e Gênero:**

As relações capitalistas pressupõem a separação dentre o trabalhador e seus meios de produção, uma vez que este pertence ao capitalista, que ao mesmo tempo extrai mais valia, remunera seu trabalho com o pagamento do salário. Dentro do modo de vida camponês, temos relações que diferem das tipicamente capitalistas, uma vez que, não estabelece vínculo com o capital através da venda de sua força de trabalho. Também não extrai mais valia, pois se assenta no trabalho familiar e não lucra, pois o resultado de seu trabalho é a renda camponesa, que irá servir como meio para adquirir bens necessários a sua reprodução e sobrevivência para sua família.

Segundo Chayanov (2014, p. 103)

A teoria econômica da sociedade capitalista moderna é um sistema complexo de categorias econômicas-preço, capital, salário, juro, renda-, todas elas estreitamente ligadas umas às outras, determinando-se mutuamente e funcionando interdependentes. Se tirar uma pedra desta construção, todo o edifício desmorona. Na ausência de qualquer destas categorias, todas as outras perdem seu caráter específico e o seu conteúdo conceitual.

Os outros tipos não capitalistas de vida econômica são considerados destituídos de importância e ou em via de desaparecimento. Chayanov (2014).

Ao olhar o espaço agrário Brasileiro é possível identificar duas distintas formas de uso e posse da propriedade privada da terra, sendo a primeira a capitalista que transforma a terra em um instrumento de obtenção de mais valia, e reserva de valor; enquanto a segunda trata a terra como meio para adquirir bens necessários a sua reprodução e sobrevivência, nessa segunda forma de uso, não há apropriação de mais valia, há economia familiar.

O modo de vida camponês baseia-se primeiramente no trabalho familiar, cada pessoa do núcleo desempenha um trabalho útil, segundo o momento e necessidade. Bombardi, (2004). O grupo familiar estará sempre buscando o equilíbrio entre a quantidade de pessoas disponíveis e aptas para o trabalho e o consumo. Em suma os equilíbrios chayanovianos criticamente levam em conta a situação específica de cada família camponesa e seu território. Como tal esses equilíbrios dependem dos sujeitos e não de dispositivos automatizados. Ploeg (2016,p.13).

Ao fim de um ciclo produtivo, a família adquire com sua renda, uma certa quantidade de bens, um olhar sobre a estrutura interna da unidade de trabalho é suficiente para perceber que não se aplica o cálculo de lucro capitalista. Woortoman (2016).

Quando a família camponesa encontra-se em numa situação privilegiada no mercado, ela pode guardar o dinheiro oriundo do trabalho, e garantir, assim, sua reprodução. Entretanto, no contrário quando esse grupo familiar encontra-se no limite de sua sobrevivência, a renda é investida no lote para melhorar a sua situação e aumentar a produção no próximo ciclo, garantindo assim o futuro do grupo familiar, atingir um ponto ótimo em sua economia e acumular dinheiro, junto com a diminuição da penosidade do trabalho.

Contudo, a divisão do trabalho dentro dos lotes camponeses está fundamentada nas relações gêneros, o feminino e o masculino ocupam espaços que foram construídos no decorrer dos séculos, independente do modo de produção vigente, as relações sociais sempre são pautadas no patriarcado, o resultado pode ser percebido ao vivenciar a divisão de trabalho camponesa.

As relações de gênero são construídas a partir da diferença entre o papel desempenhado pelo homem e pela mulher, desde seu nascimento ambos já possuem um

modelos pré definido do que deverão fazer e se comportar e o que se espera de cada um. Entretanto quando essas relações possuem o patriarcado como seu cerne, a mulher vê se então em uma situação de subordinação em relação ao homem. Assim para reafirmar sua posição de subordinador o homem utiliza-se do machismo como forma de controle do gênero feminino.

Simoni Beauvoir (1967,p.9) já havia identificado os percalços da construção dos gêneros em nossa sociedade ao dizer “ninguém nasce mulher torna-se mulher”. essa frase descreve de forma exata a vivência de um ser feminino no mundo, Bouvair ainda acrescenta que : Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” Beauvoir (1967, p. 9). Ou seja percebemos que desde seu nascimento, as mulheres têm tarefas e regras a cumprir, assim como expectativas que devem superar ao longo de sua vida, todas determinadas pela sociedade vigente .

Entretanto, como quase tudo em nossa sociedade, o modo de vida camponês não escapa às garras do patriarcado, mesmo com ação efetiva da mulher nas atividades dentro dos lotes, dividindo e até muitas vezes concentrando em si múltiplas tarefas, o mesmo não acontece quando se trata das decisões acerca do destino da renda camponesa; Na maioria das vezes é o homem quem recebe todo dinheiro, dita onde ele será ou não investido.

Na maioria dos lotes camponeses é do homem o responsável as tarefas bancárias e administrativas, esse processo sempre é naturalizado dentro da tradição do estudo camponês, o masculino sempre aparece como o administrador e proprietário da renda, ou seja, o trabalho é familiar, mas a renda possui gênero. Sendo assim as mulheres camponesas encontram-se em situação de extrema vulnerabilidade, não tendo acesso ao mínimo de renda e autonomia.

Quando nos desdobramos as relações camponesas, percebemos que dentro dos sítios as mulheres possuem seu espaço diferenciado, garantindo assim ao homem camponês, quase sempre sua posição de destaque .Os espaços femininos sempre estão ligados ao interior da casa, as hortas e cuidado com os animais domésticos, como também os animais que serão destinados ao comércio: Bem como o cuidado com os filhos e os mais idosos;

Nas comunidades camponesas, as mulheres são as responsáveis pelo cultivo das hortas de autoconsumo, pela criação dos pequenos animais, a reprodução das sementes, conservação da agrobiodiversidade orientada a alimentação famílias, além da cozinha e das tarefas domésticas e cuidados. Esse trabalho é constantemente invisibilizado e depreciado, apesar de ser fundamental para a vida humana e também para a economia de mercado que se apropria e se beneficia gratuitamente dele. (ROSES; MONTIEL; CANTÓ,2015 p.8.)( Tradução nossa).

A partir dessas considerações, percebemos que a vivência da mulher camponesa é diferente da do homem, uma vez que as relações do patriarcado as permeiam. Engels, (2012) ensina que o primeiro antagonismo de classes e divisão de trabalho aconteceu com o antagonismo entre homens e mulheres, com a opressão do gênero feminino pelo masculino. Os estudos acerca do campesinato abonam ao homem o papel de protagonismo dentro dos lotes e na produção, percebemos isso quando verificamos que quase sempre é dele o controle do dinheiro, apesar do trabalho ser constituído junto com o grupo familiar o homem é visto como responsável por todas as tarefas de produção, maior autoridade da unidade produtiva campo.

Outro processo subordinante é a divisão de trabalho, uma vez que quase sempre o labor desempenhado pela mulher camponesa é considerado uma ajuda e não um trabalho. Em geral, as mulheres executam os trabalhos mais leves na roça (que são em parte definidos culturalmente, mudam de um grupo de camponês para outro). Bombardi (2004, p.211), quando a mesma se envolve no processo produtivo, seu trabalho é classificado como leve e do homem como difícil e penoso.

Visto isso, percebemos a situação de extrema vulnerabilidade das mulheres camponesa. A construção de uma autonomia feminina é extremamente necessária e para isso surge uma possibilidade de um início superação das relações patriarcais. É a partir do olhar sobre a agroecologia como um agente empoderador da mulher camponesa.

Outrossim, os estudos acerca do desenvolvimento agroecológico ainda são faltosos nas análises acerca das relações de gênero, ainda que existam abordagens com enfoque ecofeministas, são escassos os casos em que a pesquisa articule as mudanças agrícolas e as relações entre homens e mulheres. Roses; Montiel; Cantó,(2015, p.75), (tradução nossa). Quase sempre as análises a cerca da agroecologia estão focadas nas técnicas ou em processos de comercialização.

Nesse sentido, a agroecologia se pode ser vista não só como um agente que ajuda a construir autonomia, mas também se propõe a colocar a discussão alimentar e não apenas como uma mercadoria. Roses; Montiel; Cantó (2015)

Partindo de uma epistemológica biocêntrica e não etnocêntrica abre-se para uma visão analítica onde o feminino, culturalmente ligado à natureza, desempenha um novo papel simbólico, longe da subordinação e do desprezo do olhar dominante e coerente com o olhar ecofeminista. Desta forma, a proposta agroecológica do desenvolvimento rural como estratégia de combate à fome e à pobreza, está configurado como uma proposta integral contra a desigualdade social nas comunidades rurais. (ROSES; MOTIEL, 2010, p.49) (Tradução nossa).

O desenvolvimento de projetos sociais que visem a autonomia da mulher camponesa a partir da agroecologia é o primeiro passo para a mudança de atitudes históricas enraizadas na sociedade e que aferem de formar ainda mais intensifica as famílias do campo. De tal modo que o projeto Sacolas Camponesas, surgem com o intuito de mitigar preconceitos de gênero e inclusão mercantil da mulher do campo, tornando essa mulher autônoma e provedora de renda para sua família.

### **Assentamento Eli Vive: Projeto Sacolas Camponesas.**

A luta pela terra se perpetua por décadas em território brasileiro, diante do processo de colonização do país. Para Oliveira (2003) é assim produto concreto da luta de classes trava pela sociedade no processo de produção de sua existência e é marcada ao longo da história por políticas separatistas, que originou movimentos sociais de resistência como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST.

Tais movimentos formaram vários grupos, que encontram-se espalhados (porém, articulados), que segundo Melo (1985) é um fato ampliado de um acontecimento que já repercutiu socialmente e produziu certas alterações no território nacional e o Assentamento Eli Vive é um desses grupos de luta,

O Assentamento Eli Vive, situado no distrito de Lerrovile, município de Londrina – PR e está geograficamente identificado por complexo Guairacá, sendo delimitado pela divisa com o município de Tamarana, ao sul, e pelo Rio Taquara, que delimita as fronteiras dos distritos de Guaravera, Lerrovile e Guairacá. O assentamento está dividido em duas áreas

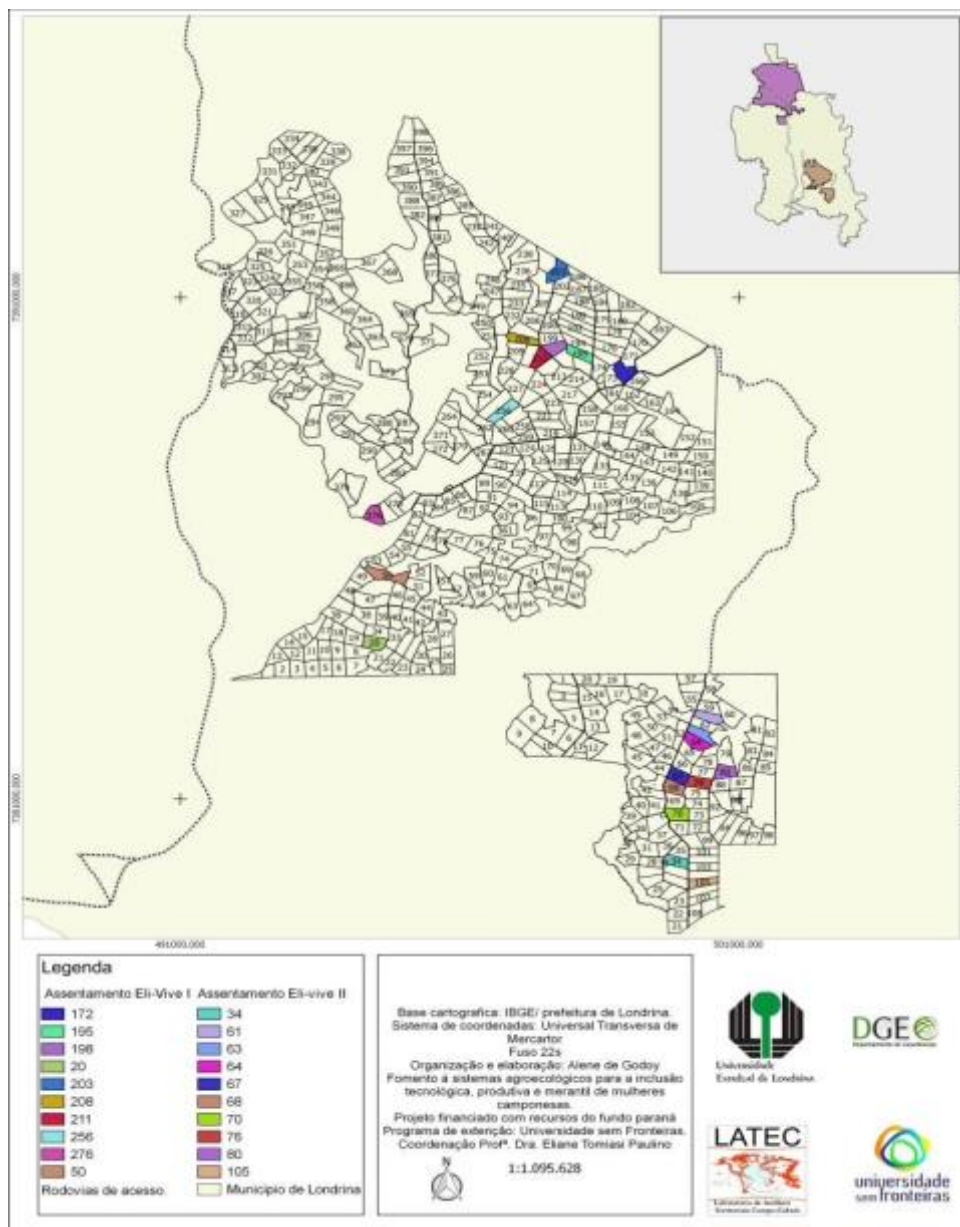
descontínuas, o Eli Vive I, situado na antiga Fazenda Guairacá e o Eli Vive II, situado na Fazenda Pininga, totalizado 7,3 mil hectares e 501 famílias que vivem no assentamento.

O assentamento foi constituído no ano de 2014 e a liberação dos lotes as famílias se deu sem infraestrutura mínima necessária para as famílias viverem dignamente em seus lotes, colocando os camponeses a sua própria sorte de subsistência.

Partindo do princípio explicitado no subtópico acima, com a divisão do trabalho enraizado no campo e se reproduzindo de forma machista na sociedade, o projeto Sacolas Camponesas surge como um impulso a autonomia da mulher do campo, potencializando assim, com o projeto a qualidade na alimentação de todos que participam, almejando sua expansão pela tecnificação e inclusão de produtos agroecológicos no mercado, além do fomento a renda familiar e igualdade de papéis entre gêneros.

O projeto Sacolas Camponesas surge inspirada em proposta desenvolvida no campus de Três Lagoas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), como uma tentativa de potencializar a sociedade como um todo em fortalecer relações com agricultoras familiares com os consumidores. A escolha do local a ser aplicado o projeto propõe a geração de renda para as famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica, tendo como enfoque a unidade familiar agrícola e em particular as mulheres do campo, além de garantir acesso à mulher do campo a uma renda mensal.

O Projeto surge na Universidade Estadual de Londrina em conjunto com as mulheres do assentamento (Figura 01) em setembro do ano de 2016, completando um ano de existência, luta e comprometimento ao projeto. Iniciou-se com três grupos de dez mulheres cada, denominadas: Mulheres Primavera, Plantando a Semente do Amanhã e Plantando o Futuro, no qual são essas mulheres que cultivam os alimentos das sacolas camponesas, fornecendo uma vez por semana 41 sacolas com sete itens de alimentos diversificados e in natura, como verduras, legumes, raízes e frutas, considerando a sazonalidade e período de plantio e colheita de cada cultura, os quais são fornecidos para professores, alunos e funcionários previamente cadastrados e denominados de apoiadores, dos departamentos de Geociências, Biologia e da Administração da Universidade Estadual de Londrina – UEL.



**Figura 1:** Localização dos lotes participantes do projeto Sacolas Camponesas na cidade de Londrina-Paraná.

Os apoiadores do projeto que recebem a sacolas (Figura 02) semanalmente e tal nomenclatura, veem da proposta de um trabalho inspirado por Almeida (2015) e que consiste na identificação de parceiros apoiadores que, uma vez integrados ao projeto, assumem o compromisso de adquirir uma sacola semanal de alimentos frescos e livres de veneno, divididos entre verduras, legumes, frutas e temperos, todos in natura, a um preço fixo compatível com o dos convencionais comercializados em feiras e supermercados da região.





O projeto segundo Campanha (2016) visa tecnicificar as mulheres camponesas com práticas de produção agroecológicas e a inserção produtiva, buscando a autonomia e o empoderamento da mulher camponesa e desconstruindo o patriarquismo e o machismo presentes nos lotes camponeses. Na busca por uma conscientização mais igualitária no campo e a valorização do papel da mulher neste processo, levantam-se técnicas e estratégias de produção e inserção mercantil, como a produção agroecológica desenvolvida 100% por um grupo de mulheres e desta produção a sua comercialização através das sacolas camponesas, primeiramente por canais solidários e até se chegar ao objetivo do projeto, que é a autonomia das mulheres e expansão mercantil.

A dinâmica do que deve ser plantado e fornecido nas sacolas, veem de um planejamento inicial feito por professoras e companheiras que participam do projeto, estipulando que alguns produtos devem estar presentes toda a semana nas sacolas como; alface, cebolinha e salsinha. Tendo esses três itens como prioritários nas sacolas, quatro produtos entram no escalonamento e rodízio, elencando a importância de manter a qualidade

destes e ressaltando que alguns produtos devem ser fornecidos todas as semanas, pois são esses produtos que garante as sacolas semana a semana e o comprometimento com os apoiadores.

As camponesas entre elas determinam o que vão plantar conforme o calendário de planejamento de plantio, considerando suas delimitações quanto ao espaço físico a ser cultivado, visto que não são todos os lotes que dispõem de uma infraestrutura necessária para o plantio de hortaliças. Cada camponesa cultiva aquilo que ela futuramente consiga comercializa seja nas sacolas, desde que tenha qualidade e seja agroecológico.

Com tudo, o projeto veem se destacando e mesmo com as inúmeras dificuldades que perpassam, deste intempéries climáticos, a estrutura e infraestrutura para se obter melhores condições de trabalhado para as companheiras e qualidade na sua produção, o projeto vem se superando, visto que há o empenho de todos os envolvidos, tendo como pensamento e objetivo, a expansão e autonomia dessa mulheres, que almejam igualdade de gênero e valorização da sua força de trabalho.

### **Conclusão**

Busca-se assim como esse trabalho de inclusão, uma construção social enquanto autonomia e igualdade de gênero entre tais atores sociais, saindo de conceitos enraizados e descontínuos que perpetuam o nosso meio social e que ainda encontram-se mais forte no meio rural, espaço esse em que o homem ainda exerce maior influencia sobre a mulher. O conceitual e o vivo entre os partícipes dês projeto, elevam a discussão dessa temática e problema social, os quais veem ganhando cada vez mais destaque em discussões acadêmicas e movimentos sociais que articulam os problemas diários vivenciados, com contribuições históricas que configuram o nosso espaço social atual, que vai se alterando conforme a evolução da sociedade.

Pelo exposto, busca-se com esse projeto de gênero a produção de alimentos agroecológicos, autonomia feminina e sua expansão para comercialização em mercados, onde lhes possibilite acessar outros canais para a comercialização dos seus produtos, autonomia, inclusão social e mercantil da mulher campesina, para se obter o empoderamento e a sua auto-suficiência, como prática integradora e social.

Cabe-se com esse um ano de projeto em análises gerais, ater-se aos aspectos positivos enquanto a evolução do projeto e na produção, desde estruturas físicas de infraestrutura nos lotes, a assistência técnica que vem se intensificando em conjunto com as produtoras, para que ao final desde, as companheiras já tenham sua autonomia como uma realidade e que consigam através do seu trabalho a igualdade social no meio campesino.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, R. A. Dinamizando a agricultura camponesa e o consumo agroecológico em Três Lagoas/MS. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 7. Goiânia: UFG, 2015. v. 1. p. 5655-5667

\_\_\_\_\_; ALMEIDA, R. A. A eficiência da produção camponesa no Brasil: estudo comparativo. Terra Livre, São Paulo, n. 35, p. 50-78, 2010.

ALTIERI, M. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. NERA, Presidente Prudente, ano 13, n. 16, p. 22-32, Jan-jun./2010.

BEAUVOIR. O segundo **sexo**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.

BOMBARDI, L.M. O bairro reforma agrária e o processo de territorialização camponesa. São Paulo: Annablume, 2004.

CAMPOS, C.S.S. A face feminina da pobreza em meio a riqueza do agronegócio: trabalho e pobreza das mulheres em territórios do agronegócio no Brasil: o caso de Cruz Alta/RS. Buenos Aires: CLACSO, 2011.

CHAYANOV. Teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: CARVALHO, H. M. Chayanov e o campesinato. Expressão Popular: São Paulo, 2014.

**ENGELS, F. Origem da Família, da propriedade privada e do Estado. São Paulo: Expressão popular, 2010.**

GARCIA, M.; THOMAZ JUNIOR. Trabalhadores rurais e luta pela terra no Brasil: Interlocução entre gênero, trabalho e território. **Terra Livre**, São Paulo, 18., 19., p. 257-272, 2002.

**PLOEG. Camponeses e a arte da agricultura. São Paulo: Unesp, 2016.**

MELO, J. M. de. A opinião no jornalismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1985

OLIVEIRA, A. U. Barbárie e modernidade: as transformações no campo e o agronegócio no Brasil. Terra Livre, ano 19, v. 2, n. 21, p. 113-156, jul/dez. 2003.

ROCES; MONTIEL; CANTÓ. Perspectiva ecofeminista de la Soberanía Alimentaria: la Red de Agroecología en la Comunidad Moreno Maia en la Amazonía brasileña. Relaciones Internacionales, Madri, 27., p. 75-96, Out, 2015.

ROCES; MOTIEL. Mujeres, agroecología y soberanía alimentaria en la comunidad Moreno Maia del Estado de Acre. Brasil. Investigaciones Feministas. Madrid, 1., p. 43-65, 2010.